

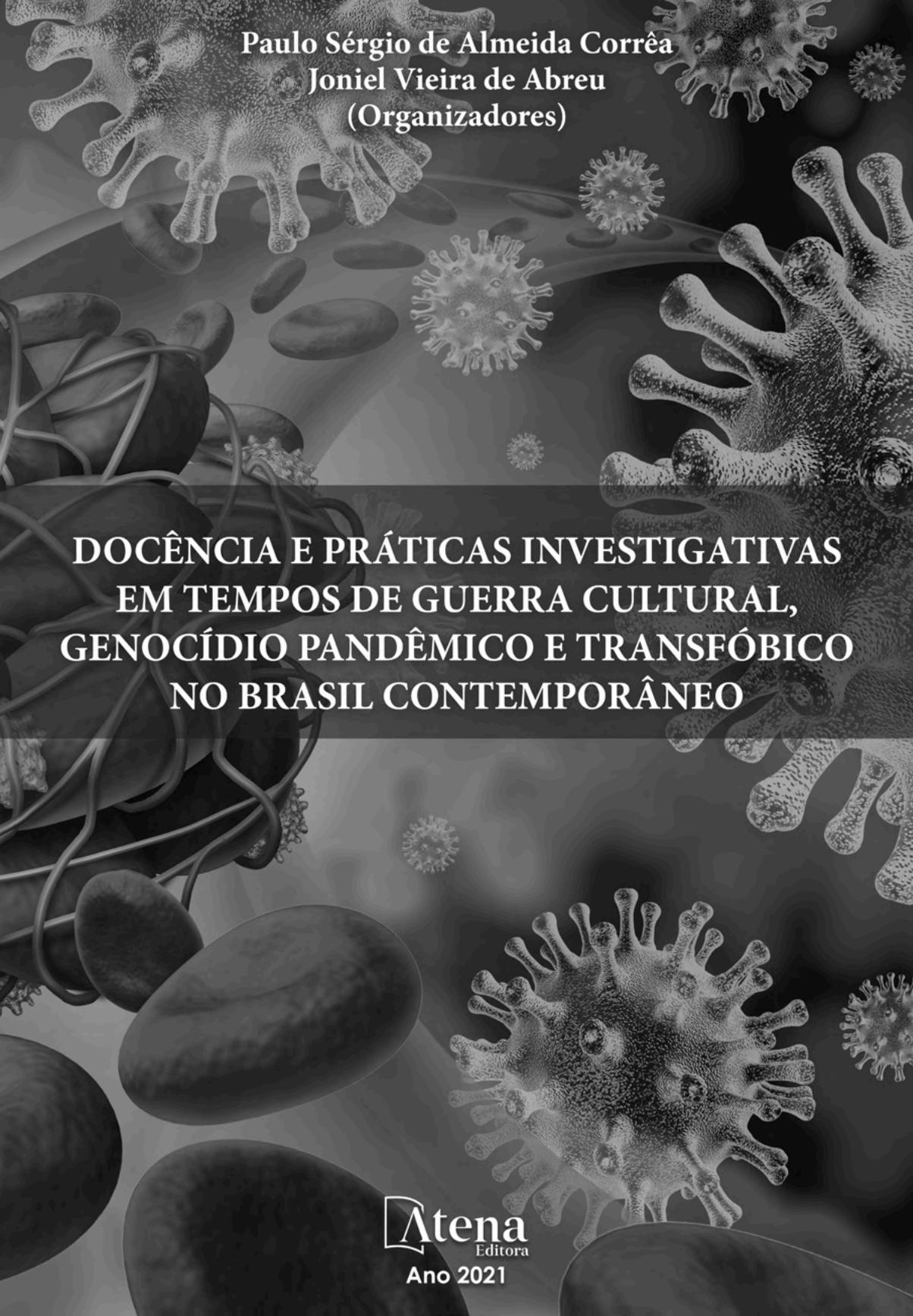


Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Joniel Vieira de Abreu
(Organizadores)

**DOCÊNCIA E PRÁTICAS INVESTIGATIVAS
EM TEMPOS DE GUERRA CULTURAL,
GENOCÍDIO PANDÊMICO E TRANSFÓBICO
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

 **Atena**
Editora

Ano 2021



Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Joniel Vieira de Abreu
(Organizadores)

**DOCÊNCIA E PRÁTICAS INVESTIGATIVAS
EM TEMPOS DE GUERRA CULTURAL,
GENOCÍDIO PANDÊMICO E TRANSFÓBICO
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Docência e prática investigativas em tempos de guerra cultural, genocídio pandêmico e transfóbico no Brasil contemporâneo

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Joniel Vieira de Abreu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D636 Docência e prática investigativas em tempos de guerra cultural, genocídio pandêmico e transfóbico no Brasil contemporâneo / Organizadores Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, Joniel Vieira de Abreu. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-711-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.113212311>

1. Isolamento social. 2. Covid-19. I. Corrêa, Paulo Sérgio de Almeida (Organizador). II. Abreu, Joniel Vieira de (Organizador). III. Título.

CDD 302.545

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A ideia de composição desta obra, emergiu em contexto histórico mundial, marcado com o elevado número de pessoas, de diferentes faixas etárias, que vieram a óbito ou sofreram internação, em razão de terem sido contaminadas pela SARS - COVID19. Essa síndrome respiratória, revelou que grande parte dos países, sejam eles desenvolvidos ou não, depararam-se com dificuldades a fim de tornar eficaz o combate ao coronavírus: a falta de infraestrutura físico-financeira; movimentos de resistência às medidas sanitárias adotadas; o quadro de pobreza extrema causada pela exclusão econômica; veiculação de notícias falsas envolvendo as vacinas e seus resultados sobre a saúde coletiva; posicionamentos contrários à ciência propagados por líderes políticos de diferentes países.

Em meio às atrocidades escalonadas a cada segundo, minuto, hora, dia semana, mês e ano, decorrentes das calamidades sanitárias, o cenário fúnebre também se mostrava desafiador nos diferentes âmbitos de exercício profissional, em especial no trabalho docente em nível da Educação Superior.

Os profissionais da educação sofreram abrupta interrupção de suas atividades funcionais, mas, paulatinamente, perceberam que seria possível reinventar seus modos de vida. No caso da Educação Superior, muitos docentes efetivos ou aposentados, alunos de graduação e pós-graduação e técnico-administrativos, não tiveram essa possibilidade de recriação, pois quedaram como vítimas fatais que deixaram de ser tempestivamente assistidas pelo poder público.

Assim, produzir conhecimento e organizar uma obra em tempo tão difícil, ressoa como ato de resistência, pois arquitetar elaborações teórico-empíricas utilizando a palavra escrita requer disposição, saúde física e mental, resiliência para prosseguir as atividades de ensino, pesquisa e extensão na Universidade, em meio a tantas perdas de familiares, colegas de trabalhos e amigos mais íntimos.

Foi com o propósito de atenuar as deformações experimentadas por nossos corpos e mentes, que no dia 11 de agosto de 2021, perguntou-se aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Currículo – NEPEC¹ se estavam dispostos a organizar um livro e se possuíam artigos recentes disponíveis visando sua publicação. Para a felicidade de nosso coletivo acadêmico, sete integrantes se disponibilizaram a participar da desafiadora obra. Ato contínuo, ficou estabelecido o dia 11 de setembro como prazo final para remessa dos textos aos organizadores.

Considerando-se a dinâmica laboral de cada membro do NEPEC, houve recebimento de 4 produções textuais dentro do tempo previsto. Contudo, concedeu-se a dilatação do prazo para o dia 16 de setembro, o que permitiu a recepção de mais 5 trabalhos acadêmicos.

1. Criado como Grupo de Pesquisa no ano de 2002, com seu reconhecimento institucional pela Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESP da Universidade Federal do Pará, devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Portanto, a obra está composta por 9 capítulos.

Uma vez reunidos os textos, identificou-se que os eixos articuladores das temáticas problematizadas pelos autores e coautores, perscrutavam como objetos de estudos os seguintes temas centrais: docência; prática investigativa de perspectiva filosófica; as expectativas de formação continuada de alunos de graduação; a guerra cultural em torno da informação; os efeitos da pandemia do coronavírus sobre os direitos fundamentais e, também, suas incidências na esfera da Educação Básica; a história local e o ensino de história por meio dos rituais de morte; a educação ambiental na Amazônia; as adolescentes trans sob os efeitos da necropolítica adotada no sistema socioeducativo brasileiro; o ensino remoto emergencial e seus efeitos sobre o trabalho docente e ensino aprendizagem na universidade.

No primeiro capítulo, nascido da coautoria de Thiago Alves Miranda, Joniel Vieira de Abreu e Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, objetivou-se analisar os reflexos decorrentes da pandemia do Covid-19, mormente o isolamento social, enquanto medida restritiva de direito fundamental. Trata-se de temática que ganha relevo, na medida em que o novo coronavírus ainda assola a humanidade e não há cura para a Covid-19, sendo as medidas de distanciamento social e isolamento social recomendadas pelo Poder Público para conter a disseminação do vírus, diminuir a curva de contágio e permitir que os estabelecimentos de saúde proporcionem atendimento adequado aos infectados. Porém, se de um lado há aqueles que defendem o isolamento social, de outro, encontram-se ferrenhos críticos, que apontam a responsabilidade do Estado por medidas que obstam a liberdade de ir e vir dos cidadãos e o direito de empreender, evidenciando a relevância do tema. A pesquisa se classifica como dedutiva, descritiva e bibliográfica. O isolamento social pode ser compreendido, em tempos de pandemia, como uma medida jurídica indispensável, ainda que implique na relativização do direito fundamental? Constatou-se que o isolamento social deve ser compreendido como um instrumental jurídico que leva à preservação do direito fundamental, já que decorre da consagração das liberdades e do direito à saúde, devendo o Estado assegurar meios para a efetivação do isolamento daqueles que assim desejam enfrentar a pandemia do Covid-19.

Importante análise também pode ser encontrada na investigação desenvolvida pelas pesquisadoras Márcia Nemer Furtado, Cleide Carvalho de Matos, Analaura Corradi e Rosângela Araújo Darwich, uma vez que analisaram a configuração, impacto e consequências das guerras culturais para a sociedade brasileira no período de 2015 a 2021. Qual a configuração, impacto e consequências das guerras culturais para a sociedade brasileira no período de 2015 a 2021? Adotou-se o método materialista histórico-dialético, realizando-se coleta e análise de dados mediante pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. *Guerra cultural* não é algo recente, inclusive podendo ter sua base bem antes do contexto aqui enunciado, talvez não com essa denominação, pois trata-se de um conflito ideológico envolvendo principalmente questões morais e de cunho religioso presentes em vários momentos históricos. Concluíram que a *guerra cultural* constitui um grave problema social capaz de inviabilizar a construção de propostas indicativas de caminhos alternativos

às citadas crises e, conseqüentemente, à resolução das mais diversificadas mazelas enfrentadas por grande parte da população brasileira e mundial.

O terceiro capítulo igualmente resultou da parceria intelectual entre os coautores Luiz Miguel Galvão Queiroz, Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, Rafael da Silva Queiroz e Terezinha Sirley Ribeiro Sousa. Nesse trabalho, discutiu-se a prática educativa do ensino remoto na rede pública de educação básica, durante o período da pandemia do coronavírus, com destaque ao discurso do ensino inovador, a partir do uso da pedagogia tecnicista e das tecnologias digitais na mediação do ensino. Historicamente, o período da pandemia do coronavírus escancarou a ineficácia da gestão do Estado no modo de produção capitalista em proporcionar a vida com dignidade à população, e nesse contexto, o estudo problematiza: Em que medida o tecnicismo e a tecnologia digital assume relevo enquanto perspectiva inovadora do ensino na visão dos docentes? Tratou-se de um estudo bibliográfico, produzido por meio de textos de autores que investigaram sobre a temática, depoimentos de docentes e documentos iconográficos que subsidiaram a produção da pesquisa. Verificou-se que as práticas educativas mediadas pelo uso da tecnologia, salvaguardadas por um falso discurso inovador, apenas instrumentalizam os docentes para a utilização de aplicativos, softwares, destinados à produção de materiais didáticos sob efeitos de elementos pictóricos, conjugados de cores e frases, para impressionar os discentes.

Geraldo Neves Pereira de Barros e Silvane Lopes Chaves são pesquisadores que também se desafiaram a escrever e disponibilizar o texto para compor a obra. Assim, no quarto capítulo os coautores entrelaçaram um olhar interseccionado com elementos da necropolítica mbembiana para examinar alguns dados oficiais e acontecimentos sociais de característica transfóbica que retratam a realidade enfrentada por adolescentes trans. Apontam a materialização de uma necropolítica trans como prática tecnológica ininterrupta sobre a experiência transexual dessas adolescentes, dentro e fora dos espaços socioeducativos brasileiros, o que tem ampliado sua morte de uma condição meramente física-biológica para a morte moral, social e política.

Sob os cuidados de Raimunda Lucena Melos Soares, foi proposto o texto localizado no quinto capítulo deste livro. Sua finalidade consistiu em compreender como a investigação sobre a verdade é realizada pela filosofia, e conseqüentemente proporcionar uma discussão sobre questões epistemológicas que envolvem essa procura. No que consiste essa busca pela verdade empreendida pela filosofia, e que questões envolvem essa procura? As fontes de pesquisa que orientam esse estudo são constituídas por obras que viabilizam o contato com os registros do pensamento de alguns filósofos que contribuem para a compreensão das concepções de verdade, bem como da definição do conceito de verdade e sua importância no processo do conhecimento no âmbito filosófico. No cerne das investigações, e dos questionamentos a respeito do ser, as diversas concepções filosóficas realizam um debate teórico fertilizado pelos conceitos de ser e vir-a-ser, que não prescindem das concepções de verdade. As conclusões a que chegou a autora, considerando as opções feitas no estudo, levam-na a confirmar a existência de uma busca infundável acerca das

verdades epistêmicas, por parte da filosofia e, ao mesmo tempo, destacar a necessidade de construção e reconstrução do alicerce sobre o qual o conhecimento se assenta, da elaboração e reelaboração dos conhecimentos, das ideias e das práticas humanas.

Já do labor intelectual exercido por Elaise Almeida Martins e Natamias Lopes de Lima, teve origem o trabalho inserto como capítulo sexto desta coletânea. Constitui-se objetivo geral da investigação compreender como se encontra a Educação do Campo na Amazônia Marajoara, após 20 anos de batismo desse termo, tendo em vista as reivindicações da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998. Como se encontra a Educação do Campo na Amazônia Marajoara, após 20 anos de batismo desse termo, tendo como parâmetro as reivindicações e os problemas apontados no Texto Base da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998? O trabalho resultou do estudo desenvolvido na pesquisa Análise epistemológica de teses e dissertações sobre educação do campo na Amazônia Marajoara produzidas no período de 2000 a 2017, aprovado no Prodoutor PARC Renovação-2018. Realizou-se pesquisa bibliográfica, catalogação e análise das Teses e Dissertações, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e nos repositórios das universidades de onde decorrem as produções. As análises foram suficientes para demonstrar que mesmo após de 20 anos da realização da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, problemas crônicos evidenciados naquele contexto histórico, permanecem, embora em grau e roupagem diferentes. Grande parte das problemáticas apontadas são as mesmas que debatemos hoje, por isso, o conteúdo do Texto que balizou o referido evento, é atual, daí continuarmos falando de Analfabetismo, baixo número de matriculas no ensino fundamental comparando ao espaço urbano, falta de infraestrutura para receber os estudantes na escola, falta de apoio dos órgãos estaduais e municipais, currículo descontextualizado, dificuldade de acesso e permanência à escola.

Em coautoria com alunos do curso de graduação, encontra-se representado o sétimo capítulo, do qual participaram Sérgio Bandeira do Nascimento, Adrielly Ferreira Trindade, Elinael da Silva Neves, Maria Marcilene dos Santos Foro, Raimundo Tadeu dos S. Costa Filho e Valdeci Cristo Alves. Tal produção decorre de experiências a partir de uma disciplina, Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de História, ofertada para o Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS/Abaetetuba/UFPa). O objetivo consiste em descrever as experiências a partir de uma atividade de ensino com ênfase na História Local e da história oral sobre o processo de transformação de um antigo cemitério em um Campo Espiritual na cidade de Acará. Em relação à metodologia, além de referencial bibliográfico como Fonseca (2009), Luca (2019), Adiche (2019), houve utilização de dados coletados por meio de entrevista com dois antigos moradores e de um padre que atuou na referida cidade, assim como o uso de fotografias que retratam significativamente o quadro de mudanças do lugar e a sua própria ressignificação pelos moradores do município. Os resultados indicam a necessidade de proposições que dinamizem o ensino de história nos anos iniciais no Ensino Fundamental, o uso da história local com subsídios da história oral como estratégia de apropriação e valorização de processos cotidianos dos

próprios discentes para o fortalecimento da identidade e pertencimento como moradores da cidade. Quanto ao exercício da docência, acreditam poder contribuir com a formação de futuros professores para compreenderem que as transformações históricas, como no caso do objeto de estudo, não existem aleatoriamente, mas possuem contextos próprios que cumprem determinados papéis sociais.

O oitavo capítulo, construído na coautoria de Lucas dos Santos da Silva, Luana Fernandes Peixoto e Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, transborda esperanças depositadas por alunos de graduação sobre o aprimoramento profissional e a pesquisa. O estudo objetivou identificar as expectativas de formação continuada dos alunos em uma turma do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará. Como a formação continuada surgiu e quais as motivações para isto? Como os graduandos veem a formação inicial da profissão docente? A metodologia realizada decorreu de um levantamento bibliográfico, no período histórico de 14 anos, além disso, optou-se por aplicar um formulário de perguntas para a coleta de dados nos termos sugeridos por Salles, Farias e Nascimento (2015) e por fim, a compilação e análise dos dados obtidos. Suas conclusões demonstraram que os alunos pesquisados mostram expectativas para a continuidade no ingresso em cursos da pós-graduação, e entendem a importância desta para a sua formação e para a pesquisa.

Por último, tem-se o nono capítulo de autoria de Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, cuja finalidade desta produção científica visou analisar as implicações do ensino remoto emergencial adotado pelas universidades brasileiras no contexto da pandemia SARS COVID-19, particularmente os efeitos produzidos pelas normas regulamentadoras sobre o trabalho docente e o ensino aprendizagem no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará. Quais as bases legais que possibilitaram à Universidade Federal do Pará instituir e implementar o Ensino Remoto Emergencial? Como se caracteriza o Ensino Remoto Emergencial enquanto política pública aprovada e adotada nessa instituição? Quais os impactos do Ensino Remoto Emergencial sobre o trabalho docente e o processo de ensino aprendizagem dos alunos do curso de Pedagogia? Estudo bibliográfico e documental, tendo havido aplicação de formulário a professores e alunos envolvidos com atividades pedagógicas não presenciais entre os meses de agosto de 2020 a setembro de 2021. Constatou-se a existência de diferentes normas regulamentadoras das atividades pedagógicas não presenciais (em âmbito federal) e do Ensino Remoto Emergencial (na esfera institucional da Universidade Federal do Pará). Ainda que a implantação do Ensino Remoto Emergencial tenha obtido como resultado algumas vantagens aos alunos, os aspectos ressaltados como prejudiciais revelaram o quanto essa política institucional passou a ser inconsistente, em muitos casos, fazendo decair a qualidade do trabalho docente e do ensino aprendizagem realizado no período de sua vigência.

Os estudos aqui reunidos, portanto, irrompem como importantes provocações epistemológicas, fagulhas capazes de projetar lampejos de esperança sobre os diferentes modos com os quais nós, docentes da Educação Superior, procuramos nos reinventar para resistir a tantas adversidades, em meio a sofrimentos e perdas irreparáveis, irrecuperáveis, insubstituíveis.

Acima de tudo, esta obra também é uma forma de protestar contra a atuação omissiva do Presidente do Brasil, em face dos malefícios causados pela pandemia do coronavírus e de suas nefastas medidas oficiais que ampliaram a proliferação dessa infecção, tendo como consequência o genocídio de parte considerável da população brasileira.

Por outro lado, sobressai a oportunidade de prestar as merecidas homenagens a ELZA EZILDA VALENTE DANTAS e DÁRIO AZEVEDO DOS SANTOS. A primeira, porque devotou parte de sua vida profissional ao ensino, pesquisa, gestão institucional e produção de conhecimento, com destacada participação no NEPEC, na qualidade de orientanda e de pesquisadora, cravando sua sensibilidade nas veredas históricas de nossos corações. Tornou-se uma vítima do coronavírus, tendo falecido no dia 22 de fevereiro do ano de 2021. O segundo, por ter sido um docente da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, com o qual muitos dos autores presentes neste livro tiveram a oportunidade de conviver enquanto colegas de turma do Curso de Mestrado ou no Doutorado, como aluno de disciplina, um colega de profissão, um amigo, um militante na luta em defesa da educação, da justiça e da democracia. Acometido pelo coronavírus, também não resistiu e sucumbiu. Deixou-nos órfãos de seu convívio no dia 13 de junho de 2021.

Agradecemos a todos os docentes e graduandos que se disponibilizaram a participar da criação desta obra-protesto, cedendo parte de seu tempo de vida e de trabalho para pesquisar e produzir conhecimento, encarando a criação como ato de alimento à vida e resistência às intolerâncias, em momento que a ciência e seus arautos sofrem execração pública.

Belém, Pará, Brasil.

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

Joniel Vieira de Abreu

(Organizadores)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UMA ANÁLISE DO DIREITO FUNDAMENTAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL:
REFLEXOS DA COVID-19

Thiago Alves Miranda
Joniel Vieira de Abreu
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123111>

CAPÍTULO 2..... 18

GUERRAS CULTURAIS NA POLÍTICA BRASILEIRA

Márcia Nemer Furtado
Cleide Carvalho de Matos
Analaura Corradi
Rosângela Araújo Darwich

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123112>

CAPÍTULO 3..... 30

A FALÁCIA DA PEDAGOGIA TECNICISTA E DA TECNOLOGIA DIGITAL COMO
PERSPECTIVAS INOVADORAS DO ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Luiz Miguel Galvão Queiroz
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa
Rafael da Silva Queiroz
Terezinha Sirlei Ribeiro de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123113>

CAPÍTULO 4..... 46

“ME TRATAM COMO UMA BARATA”: ADOLESCENTES TRANS, NECROPOLÍTICA E O
SISTEMA SOCIOEDUCATIVO BRASILEIRO

Geraldo Neves Pereira de Barros
Silvane Lopes Chaves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123114>

CAPÍTULO 5..... 56

FILOSOFIA, CONHECIMENTO E VERDADE: FRAGMENTOS HISTÓRICOS

Raimunda Lucena Melo Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123115>

CAPÍTULO 6..... 76

EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA MARAJOARA: UMA ANÁLISE APÓS 20 ANOS
DA I CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO

Elaise Almeida Martins

Natamias Lopes de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123116>

CAPÍTULO 7..... 97

HISTÓRIA LOCAL, ENSINO DE HISTÓRIA E RITUAIS DE MORTE NO CAMPO
ESPIRITUAL DE SÃO JOSÉ NA CIDADE DE ACARÁ-PARÁ

Sérgio Bandeira do Nascimento

Adrielly Ferreira Trindade

Elinael da Silva Neves

Maria Marcilene dos Santos Foro

Raimundo Tadeu dos S. Costa Filho

Valdeci Cristo Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123117>

CAPÍTULO 8..... 111

EXPECTATIVAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM ALUNOS DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Lucas dos Santos da Silva

Luana Fernandes Peixoto

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123118>

CAPÍTULO 9..... 130

REGULAMENTAÇÃO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E OS EFEITOS DA
POLÍTICA INSTITUCIONAL NA RECENTE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1132123119>

SOBRE OS ORGANIZADORES 169

Data de aceite: 01/11/2021

Márcia Nemer Furtado

Mestre em Gestão Pública. Professora de Sociologia – SEDUC/PA. Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura: UNAMA.

Cleide Carvalho de Matos

Doutora em Educação. Docente da UFPA, lotada na Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Campus Universitário do Marajó-Breves/PA.

Analaura Corradi

Doutora em Ciências Agrárias em Agroecossistemas Amazônicos. Docente da Universidade da Amazônia – Unama.

Rosângela Araújo Darwich

Doutora em Psicologia. Docente da Universidade da Amazônia – Unama.

INTRODUÇÃO

Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos. [...]
Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces e
dissipa, na praia, as palavras. (ANDRADE,
2000, p. 30; 31).

Dentre os poemas de *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Nosso Tempo* faz uma análise crítico-social da contradição da vida cotidiana da sociedade da década de 1940, retratando um *tempo de divisas* caracterizado pela descrição do massacre do ser humano pelo cotidiano capitalista, pelos conflitos no Brasil e no mundo, entre os anos do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. O poeta vale-se da poesia para denunciar todos esses fatores que resultavam em tempo de fome, de dor, de destruição e de morte, indicando, também, que tais conflitos e ideologias influenciavam, diretamente, o comportamento da sociedade, destruindo e desumanizando o sujeito.

É na perspectiva da crítica social de conflitos que definimos o objetivo do presente artigo: analisar a configuração, impacto e consequências das guerras culturais para a sociedade brasileira no período de 2015 a 2021? Pois, apesar de vivenciarmos um contexto diferente do referido pelo autor, as contradições sociais advindas da sociedade capitalista permanecem, além de unirem-se a outros agravantes como o aumento da degradação ambiental e a maior crise sanitária, provocada pela pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, Sars-CoV-2.

O ano de 2020 será difícil de esquecer. É um ano em que uma das maiores pandemias da história se alastra por quase todos os países do mundo. Percebemos então que as fronteiras tão rígidas são imaginárias para a natureza não humana. O vírus não respeita as divisões de países, não pede licença, não solicita 'visto' e aparentemente não respeita a divisão de classe, gênero ou raça. Ao mesmo tempo, ele escancara as mazelas do mundo capitalista. Evidencia a perversidade do avanço do neoliberalismo na saúde pública, mostra que até os países do 'primeiro mundo' cortaram verbas e os sistemas de saúde entram em colapso. Eles são o exemplo a não se seguir, ninguém mais quer ser como a Itália ou a Espanha, ou ainda os EUA, afinal a situação nesses países se demonstra caótica. (SOARES, 2020, p. 5).

Em decorrência dessas especificidades, o processo de polarização em torno da política brasileira se amplia levando o país a vivenciar conflitos ideológicos dos mais diversos. Nesse contexto, apresenta-se a seguinte problemática: qual a configuração, impacto e consequências das guerras culturais para a sociedade brasileira no período de 2015 a 2021? Para responder ao referido questionamento utilizamos o método materialista histórico-dialético, realizamos coleta e análise de dados mediante pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo.

O artigo compõe-se por cinco seções, além desta Introdução; apresenta a seção 2 que aborda a Metodologia, com descrição do método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa e o conjunto de procedimentos metodológicos envolvidos na coleta e análise dos dados; a seção 3 destaca as Guerras culturais na política brasileira, que caracteriza os fundamentos dos conflitos ideológicos no Brasil e no mundo; a seção 4 analisa os conteúdos que exemplificam a polarização política brasileira, que contextualiza o problema da polarização ideológica a partir de reportagens que expressam conteúdos críticos sobre os fenômenos sociais brasileiros, indicando narrativas divergentes e conflitantes; por fim, apresentamos as Considerações Finais.

METODOLOGIA

Guerra cultural é um conceito que nos remete à ideia de divergência, por isso, optamos pelo materialista histórico-dialético como método de investigação, pois o mesmo busca compreender, a singularidade, a totalidade, as contradições, as mediações, alienação e ideologias, pois, sendo um método que permite ir à raiz do problema, necessita dessas categorias para, em seguida, entrelaçar as teorias às práticas na busca de transformações (práxis) que possibilitem novas sínteses de compreensão da realidade histórica.

A dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano histórico sob a forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos. O desafio do pensamento – cujo campo próprio de mover-se é o plano abstrato teórico – é trazer para o plano do conhecimento essa dialética do real (FRIGOTTO, 2018, p. 82).

Nesse sentido, entrelaçar teorias e práticas, trazendo-as à realidade, exige a vinculação da concepção teórica a uma determinada concepção de mundo, ou seja, a interligação do objeto ao sujeito e a totalidade social: o método dialético favorece o processo de mediação capaz de dialogar com os fatos constitutivos da realidade revelando e expondo a estrutura dos fenômenos sociais para, posteriormente, alcançá-la intencionalmente. Sendo assim, há um movimento contínuo entre a crítica social, a busca de uma explicação e uma práxis que resultará em nova síntese capaz de superar e transformar o conhecimento e a realidade em uma totalidade concreta (FRIGOTTO, 2018).

Para se atingir a práxis pela mediação do método dialético é necessário ter como ponto de partida os fatos empíricos presentes na realidade e, em seguida, tenta-se superar as impressões primeiras para assim alcançar com profundidade os fundamentos estruturais. Isso exige do pesquisador um trabalho de apropriação crítica e interpretação dos fatos contraditórios, conflitantes e antagônicos que envolvem o real (FRIGOTTO, 2018).

Uma dificuldade concreta que percebo nos trabalhos de pesquisa que se esforçam por assumir uma perspectiva dialética é primeiramente a apreensão do caráter histórico do objeto de conhecimento. Isso faz com que as categorias totalidade, contradição mediação sejam tomadas abstratamente e, enquanto tal, apenas especulativamente. Ignora-se assim, o caráter relativo, parcial, provisório, de todo o conhecimento histórico e que o conhecimento científico não busca todas as determinações, as leis que estruturam um determinado fenômeno social, se não que busca suas determinações e leis fundamentais (FRIGOTTO, 2018, p. 88; 89).

Com base nesse indicativo de dificuldade expressa por Frigotto (2018), utilizarmos o método dialético não como sendo capaz de exaurir todos os aspectos que envolvem a realidade circunscrita em torno da guerra cultural, mas seus principais fundamentos. Além disso, as teorias que fornecem as análises das contradições em estudo e no processo de investigação foram constantemente revisitadas e reconstruídas. O que importa não é fazer somente a crítica do processo contraditório, mas deixar indicativos da práxis (integração entre as dimensões *teoria* e *ação*) necessários à alteração da realidade de conflitos aqui investigada.

A teoria materialista histórica sustenta que o conhecimento efetivamente se dá na e pela práxis. A práxis expressa, justamente, a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas, diversas no processo de conhecimento: a teoria e a ação... A ação, prática como critério de avaliar a objetividade do conhecimento, é insistentemente clara em Marx, Lênin, Gramsci e Mao (FRIGOTTO, 2018, p. 89).

O que importa, pois, não é fazer somente a reflexão, a análise, ou a crítica do processo contraditório que envolve o processo de guerra cultural, mas deixar indicativos da práxis, objetivando transformar a realidade pesquisada. A integração entre teoria e ação é, portanto, preocupação fundamental quando se utiliza como método de análise o

materialismo histórico-dialético para se pensar objetos conflitantes.

Para a coleta dos dados necessários ao desenvolvimento do estudo aqui proposto utilizamos a pesquisa bibliográfica envolvendo livros, artigos e, como complemento, reportagens sobre o tema *guerra cultural*. A pesquisa bibliográfica tem como finalidade “colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa” (PÁDUA, 2004, p. 55). Esta etapa envolve: a classificação de acordo com os itens pretendidos; a organização que é a ordenação lógica dos dados coletados, que permite, também, a visualização de possíveis problemas no desenvolvimento dos trabalhos, os quais deverão ser superados; e, por fim, as relações entre categorias de análise que são empregadas para agrupar ideias ou expressões em torno de conceitos capazes de esclarecer o objeto pesquisado.

A análise de conteúdo teve como função principal organizar todas as descrições aqui reunidas sobre *guerra cultural* e auxiliou na resposta ao problema investigado. Nesse contexto, vejamos as principais características do referido procedimento. Bardin (1987), define análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1987, p. 42).

Segundo Bardin (1987), a análise de conteúdo envolve as fases de pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise é a fase de organização e planejamento para melhor sistematizar as ideias iniciais e os procedimentos posteriores, geralmente, é a fase de escolha de documentos, hipóteses, objetivos e indicativos que fundamentem a interpretação final. A exploração do material corresponde à sistematização do material coletado, “consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração” (BARDIN, 1987, p. 101) do referido material. O tratamento dos resultados é o momento de tratar os dados brutos de forma a transformá-los em dados significativos e válidos, assim, pode-se “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos [...] ou servir de base para uma outra análise [...]” (BARDIN, 1987, p. 101).

Conforme Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Para alcançar essas diversas significações, os procedimentos podem decompor unidades léxicas (uma ou várias palavras que formam um todo significativo) ou unidades de categorias (um ou mais conteúdo que varia de acordo com os questionamentos que envolvem o objeto em estudo). O intuito é, principalmente, analisar o sentido de uma comunicação ou revelar os significados dos conceitos em meios sociais diferenciados.

GUERRAS CULTURAIS NA POLÍTICA BRASILEIRA

Segundo Souza (2014), vários autores alegam que os fundamentos da guerra cultural estão em países como Alemanha, França, Estados Unidos. Em diversas partes do mundo, os mesmos embates passam a ganhar força concebendo esses embates como sendo fruto das transformações sociais ocorridas principalmente a partir do fim do século XIX, momento em que a disputa entre protestantes e católicos travam modelos ideais de como a sociedade deveria ser constituída. Essas rupturas entre grupos religiosos, atualmente, acontecem também entre nativos e imigrantes e entre multiculturalistas e tradicionalistas.

[...] alguns autores como Hartman em seu livro 'A War to the Soul of America: a History of the Culture Wars' apontam a gênese do fenômeno como uma reação ao questionamento político das normas sociais pela contracultura dos anos 1970 ou à fratura das identidades coletivas proposta pelos novos movimentos sociais e pelo discurso pós-moderno. (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, 2020, p. 37-38).

Guerra cultural pode ser definida como a divisão da sociedade com base em duas autoridades morais antagônicas capazes de travar batalhas em torno de diversos temas, disputando o que parecia ser a vontade da maioria. São disputas que extrapolam o campo das ideias, pois trata-se de um embate moral de campos totalmente opostos, visões de mundo com bases em valores inflexíveis. O resultado é a radicalização do conflito de forma a contribuir para que a política do país se pautasse exclusivamente pelos mesmos (SOUZA, 2014).

Essa ruptura pode ser facilmente representada pelas oposições liberal e conservador, antigo e moderno, progressista e ortodoxo, secularista e religioso ou ainda pela disputa entre diferentes compreensões morais entre grupos religiosos (SOUZA, 2014, p. 24).

Conforme Gallego, Ortellado e Moretto (2020) não há unanimidade sobre o que teria dado início às guerras culturais, mas costuma-se atribuir a Hunter a identificação do fenômeno e a difusão do termo *guerras culturais* para se referir à oposição entre conservadores e progressistas. Os primeiros defensores de uma autoridade moral externa e os últimos de uma autoridade moral racionalista.

Hunter (1991) apontou que diante das novas oposições que ganharam visibilidade na sociedade a partir da década de 1960, as divisões entre protestantes, católicos e judeus tornaram-se virtualmente irrelevantes. Agora, os temas que polarizavam a sociedade eram: aborto, cuidados com as crianças, fundos para as artes, programas de ações afirmativas, cotas, direitos homossexuais, valores que deveriam ser transmitidos pela educação pública e o multiculturalismo.

Embora não exista identidade entre o discurso liberal e o conservador, de um lado, e o discurso socialista e o progressista, de outro, essas articulações discursivas são

importantes, pois, desde o pós-guerra, o discurso liberal assume um caráter meritocrático, de ódio e desprezo pelas classes trabalhadoras, “[...] onde toda ação social do Estado é vista por esse discurso como complacência socialista com a incompetência e o comodismo” (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, 2020, p. 4). O discurso socialista que antes era visto como radical e extremista, agora assume um caráter compreensivo e solidário. “Esse antagonismo moral redefine as regras do debate político” (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, 2020, p. 5).

No Brasil, percebe-se claramente a dicotomia entre os grupos sociais que possuem bases no discurso punitivo, violento, intolerante, preconceituoso, moralista e os grupos que lutam por direitos iguais, respeito às diferenças raciais, de sexo, ou religiosas, tolerância e justiça. Porém, observa-se algumas posturas contraditórias, sobretudo, entre os manifestantes que se definem como conservadores ou de direita, eles assumem disparidades de posicionamento, principalmente, referentes às questões morais. Entretanto, os que se identificam como progressistas ou de esquerda apresentam um padrão mais coeso de posições, conforme pesquisa realizada por Gallego; Ortellado; Moretto, (2020).

Estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais que tomaram os Estados Unidos a partir do final dos anos 1980. A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, 2020, p. 2).

Para Souza e Azevedo (2020), o processo de polarização política na história do Brasil acirrou-se, principalmente, a partir do segundo turno das eleições presidenciais no final de 2014, momento em que o país passou a experimentar “[...] o fenômeno das guerras culturais de forma mais acentuada. Melhor dizendo, de uma de suas facetas, a do espectro político entre antipetismo e esquerda”. (SOUZA; AZEVEDO, 2020, p. 210). Deste modo, o antagonismo político passou a ser redefinido pelos valores morais.

Nesse contexto, a experiência que vamos descrever na próxima seção diz respeito justamente a duas reportagens que expressam claramente essa polarização.

CONTEÚDOS QUE EXEMPLIFICAM A POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Os conteúdos provenientes de entrevistas de dois professores serviram como base para relacionar as guerras culturais na política brasileira, no período de 2015 a 2021. Escolhemos o “tema” como “unidade de registro”, optando por fazer um trabalho de análise das mensagens, buscando as diferenças entre elas utilizando dois temas principais: “visões sobre as guerras culturais” (reflexões individuais dos participantes sobre a visão que tinham

sobre as guerras culturais) e a “postura do professor” (referências à postura do professor diante das guerras culturais).

Em seguida, estabelecemos a unidade de contexto buscando as recorrências e não recorrências, procurando o que cada entrevistado havia explicitado em seus argumentos para, assim, constituir o seguinte eixo temático: “reflexões sobre as guerras culturais”. Posteriormente, reorganizamos o eixo temático de modo a estabelecer a categoria de análise e, dessa maneira, chegamos à categoria: “reflexões teóricas produzidas na comunidade acadêmica sobre as guerras culturais”. A partir desse processo, buscamos perceber se os componentes desses conteúdos comprovam a complexidade das guerras culturais e, conseqüentemente, conseguem responder à problemática inicialmente levantada: qual a configuração, impacto e conseqüências das guerras culturais para a sociedade brasileira no período de 2015 a 2021?

A primeira seqüência de conteúdo constitui-se a partir entrevista de Schuler¹, intitulada *Sobre Nossas Guerras Culturais*², em que relata sua visão sobre referido fenômeno e sua “postura enquanto professor”.

De minha parte, guardo a memória incômoda dessa época, em que a vulgata marxista e suas variantes formavam uma espécie de atmosfera, fora da qual era difícil respirar. Estudante, em Porto Alegre, ainda me lembro quando conheci, na virada para os anos 90, os dois primeiros jovens ‘liberais’. Observei-os como aves raras, e os achei mais cultos e menos dogmáticos do que quase todos os meus amigos da ‘esquerda’. Fiquei com a pulga atrás da orelha, confesso. Percebi que a doutrinação, na universidade, havia produzido uma limitação intelectual importante, a toda uma geração. E que era preciso recuperar o tempo perdido (SCHULER, 2020).

Tínhamos, de um lado, a esquerda com ideais marxistas que, com a ajuda das universidades, escolas, instituições culturais, órgãos da igreja, redação de jornais e diretórios estudantis produziam uma “limitação intelectual” que negativava o capitalismo contribuindo para a criação de uma “geração anticapitalista”. De outro lado, a direita que, após a guerra fria e com a abertura comercial, produzia o aumento de informações sobre “hegemonia cultural”, assim, com ajuda da internet, blogs, artigos de opinião, tradução de literatura “não alinhada”, de corte liberal e de apoio ao capitalismo contribuindo para uma ampliação dos embates ideológicos no país (SCHULER, 2020).

A eleição de Lula, em 2002, acelerou este processo. Não contente em simplesmente ser governo, o PT fez algo que não se via, no Brasil, desde o ciclo militar: propôs uma narrativa sobre o Brasil. Uma narrativa excludente, que levou a lógica do partido para dentro do Estado. Lula surge como divisor

1. Fernando Luís [...] Schuler é doutor em Filosofia e Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-Doutorado pela Columbia University, em NY. É Professor em tempo integral no INS-
PER, em São Paulo, e Curador do Projeto Fronteiras do Pensamento” (BLOG FERNANDO SCHULER, 2020).

2. A entrevista data do dia 20 de julho de 2015 e foi concedida à Revista Época tendo sido republicada no Blog do autor (conforme **Referências**).

de águas. Demiurgo do novo país, voltado para os “de baixo”. Daí o mantra “nunca antes neste país”. Em uma sociedade plural, era previsível que esta narrativa produzisse reação. E é ela que tem dado o tom de nossa guerra cultural (SCHULER, 2020).

Agueira cultural se diferencia do debate comum democrático, cada questão relaciona-se a um “projeto de país”, ou a “modelos de sociedade”. Os debates mais intensos se instalam quando falta um consenso básico em torno de valores sociais e morais, marcando com maior evidência e violência o campo digital por outro lado, há maior liberdade de expressão, onde cada lado constitui suas redes de influência, buscando disseminar um “certo moralismo comportamental” (SCHULER, 2020).

A segunda sequência de conteúdo constitui-se a partir de uma entrevista concedida por Rocha³ (2020) à Revista *Estado da Arte* sob o mesmo título de sua obra *Guerra Cultural Bolsonaroista e Retórica do Ódio* na qual expõe sua visão acerca das guerras culturais, bem como sua postura enquanto professor.

Segundo Rocha (2020), o fenômeno da guerra cultural brasileira ganha força com o que denomina de cultura *bolsonarista*, baseada em um projeto autoritário cujo principal instrumento é a retórica do ódio que tem como objetivo *eliminar simbolicamente* todo aquele que não adere aos seus ideais, principalmente por meio de noticiários digitais falsos e que favorecem apoiadores do atual presidente Bolsonaro.

O bolsonarismo é o primeiro movimento de massas da política brasileira cujo eixo é uma incitação permanente ao ódio como forma de ação. O resultado não pode ser outro: colapso da gestão pública e esgarçamento máximo do tecido social [...] no afã de inventar inimigos, o governo despreza dados objetivos elementares de todas as áreas da administração. Por isso, em lugar de buscar diagnósticos precisos de problemas concretos, o governo produz mais do mesmo, numa eterna luta ideológica, independentemente da área em tela: da educação ao desmatamento, da economia à prescrição de medicamentos, a guerra cultural troca efeito por causa e turva mais do que ilumina (ROCHA, 2020).

O bolsonarismo possui também como uma de suas bases o anticientificismo que ajuda a agravar a atual crise sanitária e econômica. A pandemia provocada pelo coronavírus Sars-CoV-2 não é uma “gripezinha”, como definiu Bolsonaro, mas, sim, uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém-descoberto que vem provocando vítimas pelo mundo inteiro. Conforme Rocha (2020):

Os vídeos que negam a existência de mortes causadas pelo Covid 19 são de uma torpeza sem limites e passarão para a História como um dos momentos mais vis da cultura brasileira.

3. “João Cezar de Castro Rocha é ensaísta e Professor Titular de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pela Editora *Caminhos*, o Professor João Cezar lançará a obra *Guerra Cultural Bolsonaroista – A Retórica do Ódio*” (ESTADO DA ARTE, 2020).

A retórica do ódio converte o *outro* num adversário, um *inimigo* a ser eliminado simbolicamente, por meio da 'lacrção' ou do puro e simples silenciamento. A ética do diálogo considera o *outro* um *outro eu*, cuja diferença somente amplia meu horizonte e por isso enriquece meu repertório existencial (ROCHA, 2020).

Nessa perspectiva, a guerra cultural atual não se caracteriza por debates, mas por ataques capazes de deturpar e derrubar informações com bases científicas e substituí-las por posições estrategicamente contraditórias que ameaçam sair de controle. Por isso, retornar à ética do diálogo é uma estratégia para a superação da crise (ROCHA, 2020).

Após as guerras culturais, ele [discurso liberal] retomou um caráter de ódio e desprezo de classe que trata os trabalhadores como indolentes que merecem ser punidos com a pobreza pela falta de industriiosidade, capacidade de poupança e empreendedorismo. Pelos mesmos motivos, toda ação social do Estado é vista por esse discurso como complacência socialista com a incompetência e o comodismo (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, p. 38).

Esse tensionamento nas relações sociais promovido por grupos organizados com a finalidade de construir narrativas sobre os valores culturais, religiosos, sociais e econômicos pautados no conservadorismo e no liberalismo aglutinam diversos segmentos da sociedade que, por diferentes perspectivas, se identificam com essas pautas.

Como exemplo, temos a pesquisa realizada por Piaia e Alves (2020) sobre a rede bolsonarista no WhatsApp criada para alavancar a campanha eleitoral de 2018, que contou com a análise de 21 grupos de WhatsApp. De acordo com os autores “durante o período eleitoral, ao menos 1.500 grupos funcionaram como comitês de campanha, circulando ideias, promovendo debates e organizando ações coletivas, como carreatas e manifestações” (PIAIA E ALVES, 2020, p. 136).

Na eleição de 2018, de acordo com a pesquisa, o WhatsApp foi a principal novidade, sobretudo em função da capacidade de compartilhamento de mensagens de forma rápida em redes formadas por familiares, colegas de trabalho, grupos religiosos, de esportistas etc. Na eleição, o WhatsApp se constituiu uma rede cuja finalidade era “[...] neutralizar danos à imagem de Bolsonaro, coordenar táticas da busca de votos e construir um clima de adesão popular à candidatura” (PIAIA e ALVES, 2020, p. 138). Para tal objetivo, 4 canais foram mais recomendados: “[...] 1) Jair Messias Bolsonaro (107); 2) Bernardo Küster, que se apresenta como jornalista católico defensor de Bolsonaro; 3) PSDB (32); e 4) PT (PIAIA e ALVES, 2020, p. 31). Os dois primeiros representam os canais a serem acessados para obter os conteúdos políticos e os dois últimos para criticar e desqualificar os vídeos postados.

A pesquisa aponta que “[...] o WhatsApp funciona como um canal de interconexão que promove fluxos comunicacionais entre outras plataformas, produzindo redes informativas complexas que não dependem somente de um site” (PIAIA e ALVES, 2020, p. 145). As mídias sociais mais utilizadas como fonte dos compartilhamentos foram: Facebook, Twitter,

Instagram e YouTube. No entanto, o You Tube é o website mais recomendado pelas redes bolsonaristas. “Isso sugere a forte adoção a uma gramática audiovisual, sobretudo, por meio da popularização de personalidades que ganham visibilidade e reconhecimento dos pares para falar de política na plataforma, os chamados *YouTubers*” (PIAIA e ALVES, 2020, p. 145).

De acordo com os pesquisadores, os grupos de WhatsApp, além de dar visibilidade a figura de Jair Bolsonaro e desqualificar seus opositores, “[...] tiveram grande importância estratégica na condução da campanha direcionando temas, neutralizando ataques e orientando ações do eleitorado bolsonarista” (PIAIA e ALVES, 2020, p. 148).

A pesquisa concluiu que o WhatsApp ocupou papel central na campanha eleitoral para a Presidência da República em 2018, no entanto, ele faz parte de uma rede de circulação de informação que envolve outras plataformas digitais. “Entender as conexões e as dinâmicas de compartilhamento entre os conteúdos produzidos para cada plataforma é um dos desafios que a nova conjuntura comunicativa impõe” (PIAIA e ALVES, 2020, p. 152).

Não podemos ignorar o potencial das redes sociais na propagação de desinformação e discursos de ódio contra aqueles considerados progressistas e as minorias sociais. Estamos vivendo tempos difíceis no campo da educação, da política e da economia, mas, sobretudo, na arena de disputas ideológicas acerca das narrativas sociais e culturais.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões de Schuler (2020) acerca das guerras culturais podemos afirmar que o autor assume uma postura favorável ao liberalismo e de crítica ao marxismo quando afirma considerar “os jovens liberais mais cultos e menos dogmáticos que seus amigos de esquerda”. Tal postura se revela, também, ao considerar ser doutrinação a produção da universidade e de outras instituições por limitar toda uma geração de intelectuais ao anticapitalismo. Além disso, afirma que quem acelerou o processo de polarização e deu um novo “tom” às guerras culturais no Brasil foi a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva e de seu partido PT, quanto assume uma narrativa voltado para os “de baixo”, “nunca antes neste país”. Sendo natural a reação de uma população plural.

Postura contrária identifica-se, nas reflexões de Rocha (2020) que, claramente, assume uma atitude crítica à extrema direita, representada pelo atual presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro e por sua política “bolsonarista” a qual denomina de “retórica do ódio” e que, segundo ele, é causadora dos maiores conflitos culturais da história do país. Sua atitude é de indignação diante dos noticiários falsos e do anticientificismo que fundamentam tal política.

Nesse contexto, percebe-se que a categoria proposta: “reflexões teóricas produzidas

na comunidade acadêmica sobre as guerras culturais” expressa que a relação dos conteúdos das entrevistas é o reconhecimento da existência de uma polarização política no Brasil, além de identificar que os componentes desses conteúdos são divergentes e conflitantes, o que comprova a complexidade do objeto em estudo.

Assim, em resposta à problemática levantada inicialmente – qual a configuração, impacto e consequências das guerras culturais para a sociedade brasileira – podemos concluir que *guerra cultural* não é algo recente, inclusive podendo ter sua base bem antes do contexto aqui enunciado, talvez não com essa denominação, pois trata-se de um conflito ideológico envolvendo principalmente questões morais e de cunho religioso presentes em vários momentos históricos.

A polarização trabalhada nos discursos dos professores Schuler e Rocha indica os impactos da dicotomia produzida pelas guerras culturais no Brasil. Os dois conteúdos expressam uma profunda relação com os conflitos ideológicos entre a classe política brasileira – envolvendo políticas de extrema direita (como o governo Bolsonaro), a socialdemocracia, representada pelo Partido dos Trabalhadores; de direita, Partido da Social Democracia Brasileira e Movimento Democrático Brasileiro, partidos de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro, o Partido Comunista do Brasil, o Partido Comunista Revolucionário, o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL e a sociedade civil brasileira, abarcando empresários, religiosos, estudantes, professoras/es, sindicatos, movimentos sociais, grupos e coletivos.

Como consequência desse processo antagônico, temos o agravamento da crise política, econômica, social e sanitária no país. Observa-se, claramente, o descompasso entre os poderes executivo, legislativo e judiciário, bem como entre as esferas federal, estadual e municipal, além da confusão de ideais que provocam a ampliação dos conflitos entre a população e acirram os ânimos entre os membros dos mais diversos grupos sociais.

A partir do pressuposto orientador da análise dos conteúdos do presente artigo – considerando que não era nosso objetivo avaliar qual seria o melhor debatedor –, não podemos deixar de dizer que os argumentos por eles utilizados podem influenciar positiva ou negativamente nos posicionamentos dos receptores das informações. Positivamente, quando o debate auxilia a fazer uma análise crítica da realidade social; negativamente, quando o conteúdo defende um sistema capitalista que, além de estar na base dos conflitos das guerras culturais, possui como base a exploração do trabalhador, a busca do lucro exacerbado, a degradação ambiental e a exclusão social.

Concluímos que a *guerra cultural* constitui um grave problema social capaz de inviabilizar a construção de propostas indicativas de caminhos alternativos às citadas crises e, conseqüentemente, à resolução das mais diversificadas mazelas enfrentadas por grande parte da população brasileira e mundial. Tal é o caso da pandemia do Covid 19 que já deixou milhares de vítimas e continuará deixando se os conflitos permanecerem

embasados em discursos moderadores e midiáticos, no moralismo religioso e na política partidária e se a preocupação com a economia continuar sendo maior do que com a vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. 21ª ed. Rio de Janeiro. Record. Companhia das Letras, 2000. p. 29-37.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12.ed. São Paulo. Cortez, 2010. p. 13-22.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, ano 9, n. 2, p. 35-45, ago. 2017. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>. Acesso em: 05 Out. 2020.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª. ed. São Paulo. Cortez, 2010. p. 51-64.

PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10ª. ed. rev. atual. Campinas, SP. Papyrus, 2004.

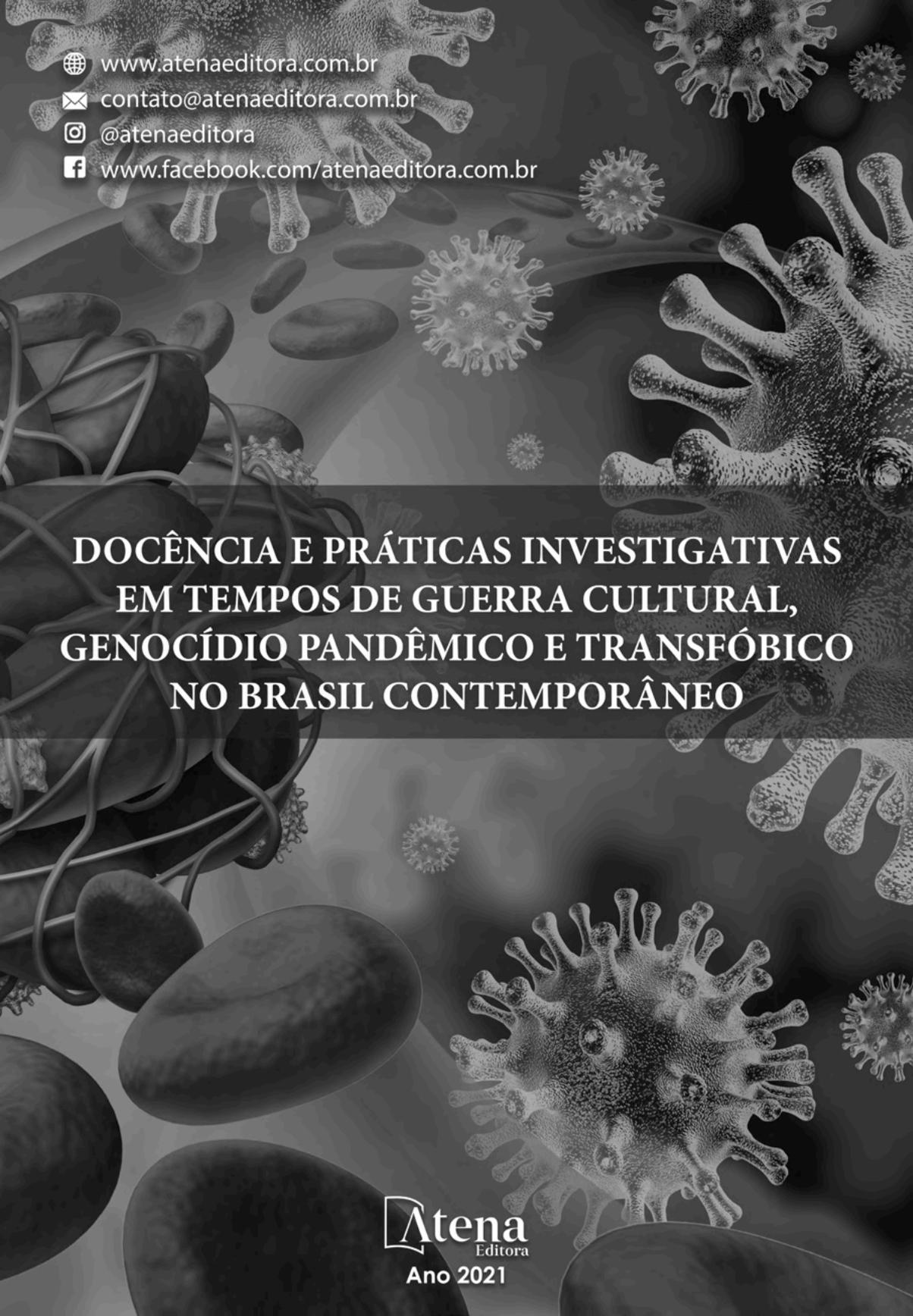
PIAIA, Victor; ALVES, Marcelo. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom**, São Paulo, v. 43, n. 3, p.135-154, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/intercom/a/JB3zHccN7KnHJXTwsRj8WjF/?lang=pt>. Acesso em: 13 Set. 2021

ROCHA, João César de Castro. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/tres-perguntas-castro-rocha-dialogo/>. Acesso em: 19 Out. 2020.

SCHULER, Fernando Luís. **Existe mesmo uma onda conservadora?** Disponível em: <http://fernandoschuler.com/fernando-schuler/entrevistas/politica/existe-mesmo-uma-onda-conservadora/> Acesso em: 15 Out. 2020.

SOARES, Sávaia *et al.* **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020. 44p.

SOUZA, Maílson Fernandes Cabral; AZEVEDO, Nádia Pereira da Silva Gonçalves. Guerras culturais e formações imaginárias da polarização política brasileira: um estudo discursivo. **Revista Humanidades e Inovação** v.5, n. 4 – 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/640>. Acesso em: 12 Out. 2020.



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DOCÊNCIA E PRÁTICAS INVESTIGATIVAS EM TEMPOS DE GUERRA CULTURAL, GENOCÍDIO PANDÊMICO E TRANSFÓBICO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO


Ano 2021

The background features a stylized illustration of a human body in shades of red and pink. A large, detailed virus particle with blue and red spikes is prominent in the upper right. Other smaller virus particles and red blood cells are scattered throughout the scene. The overall aesthetic is scientific and urgent.

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DOCÊNCIA E PRÁTICAS INVESTIGATIVAS EM TEMPOS DE GUERRA CULTURAL, GENOCÍDIO PANDÊMICO E TRANSFÓBICO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

**Atena**
Editora
Ano 2021